



Economia para Trabalhadores

Ano III, Edição XXVI

Maio de 2015

Nesta edição:

Quadro sobre a atividade industrial no Brasil 2

Resumo de Indicadores Econômicos 3

Quadro sobre a atividade industrial em Santa Catarina 4

Opinião - "Quem planta vento, colhe tempestade" 5

Apresentação

Caros(as) companheiros(as), estamos distribuindo a 26ª edição do Economia para Trabalhadores, o boletim mensal da Subseção do Dieese na Fetiesc. Este boletim de maio está sendo distribuído com alguns dias de atraso. O mês de maio foi bastante agitado, com negociações em andamento e demandas que surgiram, sobretudo em função das medidas de ajuste fiscal do governo federal e suas consequências para os trabalhadores.

Neste boletim, procuramos, como de praxe, sistematizar alguns dados e apresentar alguns indicadores que nos permitem acompanhar o comportamento da atividade industrial, seja em âmbito nacional, seja em âmbito estadual. Os números não são animadores. Percebemos queda na produção industrial em ambos os casos. O contras-

te existe, ainda, com relação ao mercado de trabalho e, especificamente, a geração de empregos na indústria. O estado catarinense mantém saldo positivo de empregos no ano e registrou a menor estimativa de desocupação dentre as regiões pesquisadas pela PNAD-C/IBGE (3,9%).

De um modo geral, este é o único indicador positivo que temos. A nova orientação na política econômica, marcada especialmente pela austeridade/ajuste fiscal, já apresenta reflexos na economia com retração da atividade industrial, dos investimentos e aumento do desemprego. No entanto, as pesquisas de confiança do empresário industrial revelam melhora quanto as condições atuais e perspectivas futuras da economia brasileira, apesar do persistente recuo deste indicador com relação as empresas.

De qualquer modo, no geral, o quadro é de pessimismo. Na esteira deste quadro recessivo e de pessimismo, os investimentos também apresentam retração no ano.

A economia brasileira encontra-se numa verdadeira armadilha. De um crescimento nulo em 2014, passamos a vivenciar um período de recessão, com repercussões no mercado de trabalho. O comércio exterior apresenta retração, com melhora no saldo comercial em função da maior queda das importações. No texto de opinião, última seção deste boletim, procuramos apresentar alguns elementos para debate e reflexão sobre o que se passa com nossa economia e o tamanho dos desafios que temos pela frente.

Boa leitura!

Quadro sobre a atividade industrial no Brasil

Atividade

O nível de atividade industrial seguiu registrando retração em março, com relação a fevereiro, na série com ajuste sazonal. A produção teve queda de 0,8%, enquanto o emprego recuou (-0,6%). Ambos os dados são de pesquisas realizadas pelo IBGE. No acumulado do ano, a retração foi de 5,9% na produção e 4,6% no emprego industrial.

A variação negativa no mês e no ano foi registrada em todas as grandes categorias. Destacamos as quedas na produção de bens de capital (-18,0%) e de consumo durável (-15,8%) no ano. Estes resultados foram puxados por fortes quedas, como as observadas nos setores de equipamentos de informática, eletrônicos e ópticos (-27,0%) e veículos automotores, reboques e carrocerias (-20,7%).

Dentre as regiões pesquisadas, a produção industrial apresentou mai-

or queda no ano (até março) no Amazonas (-17,8%), Bahia (-12,5%) e Paraná (-10,5%). Os estados que apresentaram maior crescimento na produção foram Espírito Santo (20,9%), Pará (8,7%) e Mato Grosso (3,9%).

A utilização média da capacidade instalada das indústrias no Brasil foi de 79,4% em abril. No mesmo mês do ano passado, a taxa era de 83,7%. Houve, portanto, uma queda de 4,3 p.p. neste indicador.

Confiança e Investimentos

O índice de confiança do empresário industrial teve variação positiva em maio - puxada pelo sentimento com relação as condições atuais e expectativas futuras da economia brasileira, já que com relação a empresa a variação foi negativa -, mas também registrou recuo (-9,4 pontos) com relação ao índice geral do mesmo mês do ano passado. A taxa de 38,6 em maio deste ano revela pessimismo.

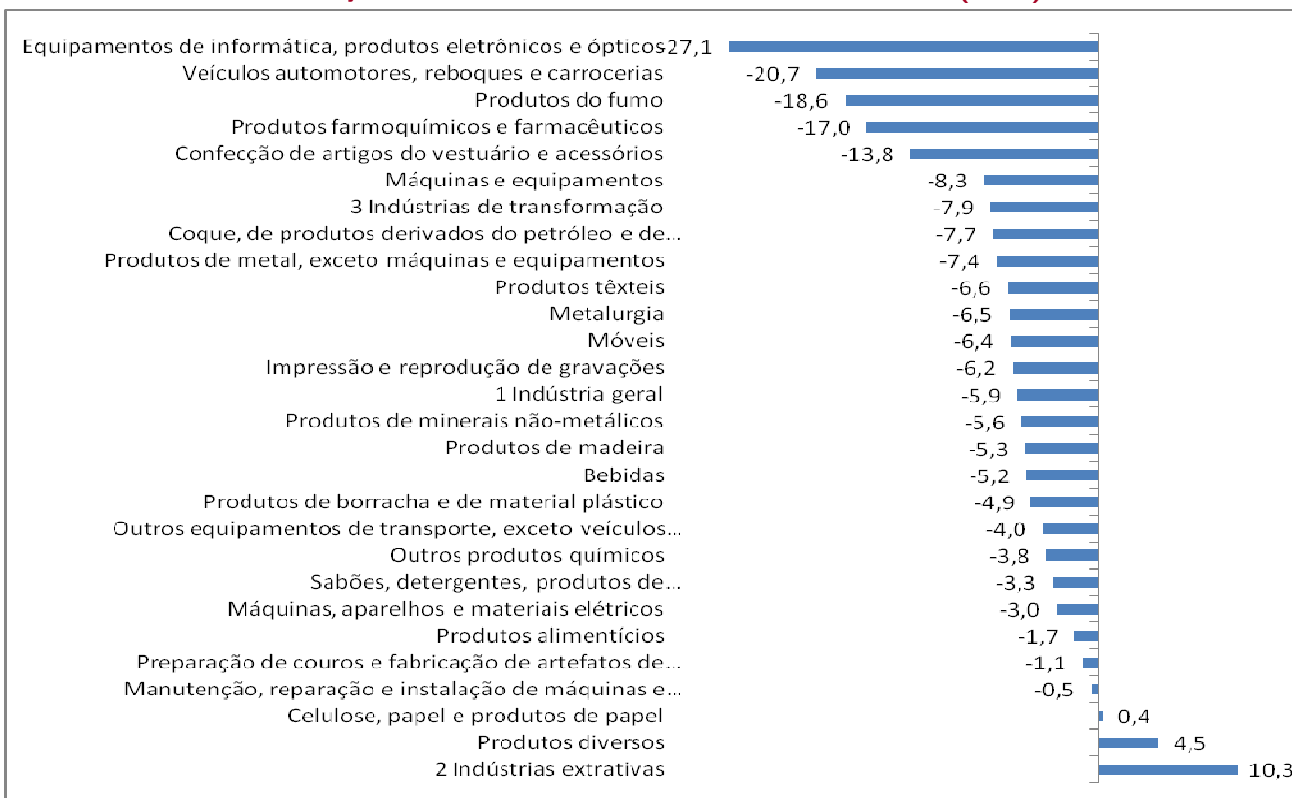
As estimativas dos investimentos,

para a qual consideramos os indicadores de produção e importação de bens de capital, bem como a produção de insumos da construção civil, também revelam queda no primeiro trimestre deste ano, apesar de terem tido variação positiva em março. No trimestre, a produção de insumos para construção civil recuou 8,1%; a importação de bens de capital teve queda de 14,2% e a produção de bens de capital recuou 18,0%.

Balança Comercial

A balança comercial registrou até abril deste ano variação negativa nas exportações (-16,4%) e importações (-15,9%). As importações de bens de capital, bens de consumo durável e combustíveis, ocorreram com maior intensidade do que a redução das exportações destes itens. Esta dinâmica revela também o enfraquecimento da atividade econômica interna.

Produção Industrial - Brasil - 1º trim. 2015 / 1º trim. 2014 (em %)



Fonte: IBGE; MTE; FGV; CNI; Funcex. (Elaboração: Dieese - Subseção Fetiesc)

Resumo de Indicadores Econômicos

Custo de Vida

Inflação		Abril (%)	Var. 12 meses (%)	
ICV/Dieese		0,55	8,36	
INPC/IBGE		0,71	8,34	
IPCA/IBGE		0,71	8,17	
IGP-DI/FGV		0,92	3,94	
IGP-M/FGV		1,17	3,55	
IPC/FIPE		1,10	7,21	
Cesta Básica	Florianópolis	Abril	Variação acumulada em 12 meses (em %)	4,74
			Valor mensal (em R\$)	368,32

Salário Mínimo Necessário e Piso Regional

Salário Mínimo Nacional	Abril	Valor nominal (em R\$)	788,00
Salário Mínimo Necessário	Abril	Valor nominal (em R\$)	3.251,61
Piso Regional SC	Faixa I	Valor nominal (em R\$)	908,00
	Faixa II	Valor nominal (em R\$)	943,00
	Faixa III	Valor nominal (em R\$)	994,00
	Faixa IV	Valor nominal (em R\$)	1.042,00

Indicadores da Indústria de Transformação Brasileira

	Produção	Pessoal ocupado	Horas pagas	Produtividade	Folha de pagamento real	Faturamento real*
% no mês (Mar/Fev) - com ajuste sazonal	-0,9	-0,5	-0,4	-0,6	-0,4	0,5
% mês ano anterior (Mar 2015/Mar 2014)	-5,1	-5,1	-5,1	0,0	-4,4	-6,0
% acum. ano (Mar/2015/idem ano anterior)	-7,9	-4,6	-5,2	-2,8	-4,9	0,2
% últimos 12 meses (Mar/2015)	-6,1	-3,9	-4,6	-1,5	-2,9	-

(* Nota: Os dados sobre faturamento real são divulgados pela CNI. Os demais são do IBGE.

Movimentação do Emprego - Indústria de Transformação Catarinense

	Total de Admissões (Qtde)	Total Desligamentos (Qtde)	Saldo (Qtde)	Variação Emprego (%)
Em abril ¹	27.452	29.884	-2.432	-0,3
No ano ²	136.702	121.988	14.714	2,1
Nos últimos 12 meses ³	357.225	366.937	-9.712	-1,4

(¹) Variação considera o estoque do mês anterior; (²) Variação considera o estoque do mês atual e do mês de dezembro do ano anterior, com ajustes; (³) Variação considera o estoque no mês atual com o estoque do mesmo mês do ano anterior, com ajustes.

Balança Comercial Catarinense

Exportações	Abril	Valor (em mil US\$)	786.558
		Mês/mês ano anterior (em %)	-11,0
Importações	Abril	Valor (em mil US\$)	1.087.946
		Mês/mês ano anterior (em %)	-12,3
Saldo	Abril	Valor (em mil US\$)	-301.388
		Mês/mês ano anterior (em %)	-15,4

Câmbio

Dólar dos EUA - venda	Abril	Valor médio mensal (R\$/US\$)	3,04
		(mês/mês anterior - %)	-3,2
EURO	Abril	Valor médio mensal (R\$/EUR)	3,29
		(mês/mês anterior - %)	-3,2

Fonte: Dieese; IBGE; FGV; Fipec; FIESC; Bacen; Secex/MDIC; MTE.

Quadro sobre a atividade industrial em Santa Catarina

Atividade

Segundo pesquisa do IBGE, até março, a indústria catarinense registrou queda de 7,0% no volume de produção, na comparação com o mesmo período do ano passado. Nos últimos 12 meses a queda foi de 4,3%. No trimestre, 4 dos 14 setores pesquisados apresentaram crescimento na produção apenas: produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos (8,1%); minerais não metálicos (5,1%); borracha e plástico (1,4%); celulose, papel e produtos de papel (0,9%). Os demais registraram queda na produção, com destaque para: metalurgia (-27,8%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-18,1%); confecção e artigos do vestuário (-15,5%).

A pesquisa da Fiesc revelou que no primeiro trimestre houve queda de 4,7% nas horas trabalhadas na indústria. O faturamento real da indústria de transformação catarinense

apresentou queda de 7,5% no período, segundo a mesma pesquisa. Diante deste quadro, o índice de confiança dos empresários industriais do estado, também apurado pela Fiesc, revelou pessimismo em maio de 2015 (39,6 pontos), sem variar com relação a abril, mas recuando 5 pontos com relação a maio de 2014, quando registrava 44,6 pontos.

Mercado de trabalho

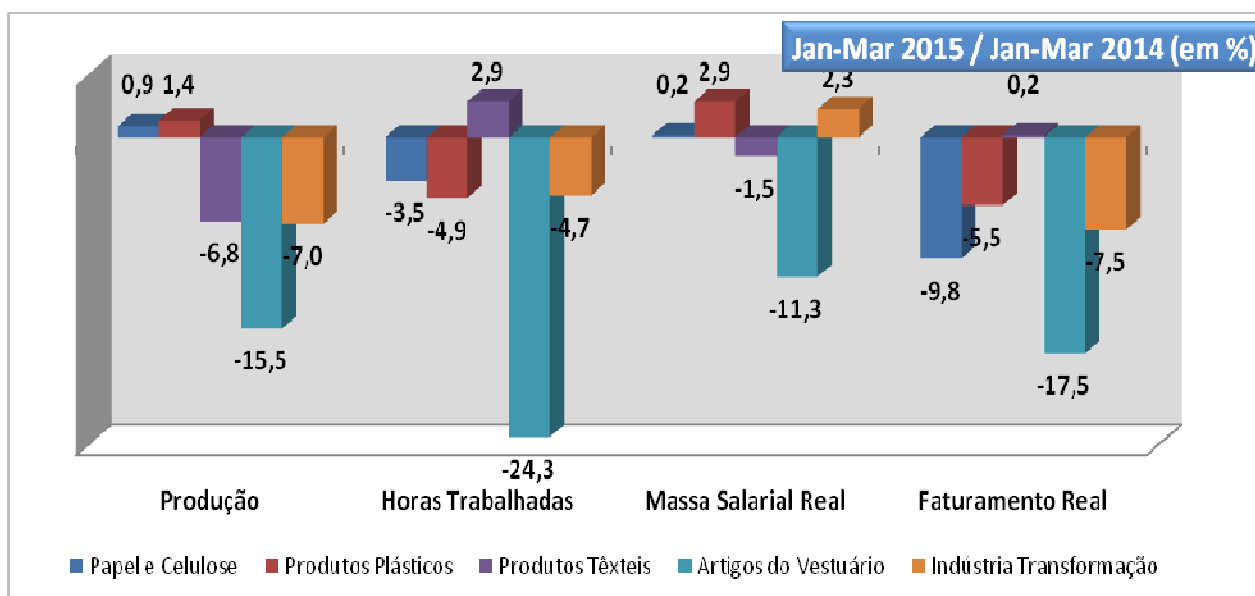
Da pesquisa da Fiesc, o único indicador que registrou crescimento no primeiro trimestre foi a massa salarial real (2,3%). Esta alta parece estar relacionada fundamentalmente a própria dinâmica do mercado de trabalho catarinense. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE (PNADC/IBGE) revelou, para o primeiro trimestre, uma estimativa de 3,9% para a taxa de desocupação no estado, o melhor resultado do país.

O Cadastro Geral de Empre-

go e Desemprego do Ministério do Trabalho, Emprego e Renda (Caged/MTE) também registrou o maior crescimento do emprego industrial para o estado, no primeiro quadrimestre. Foram gerados 14.714 novos postos de trabalho na indústria de transformação (2,1%). No entanto, em abril a variação foi de -0,3% e o resultado positivo do ano não anulou a retração registrada nos últimos 12 meses (-1,4%).

Balança Comercial

O saldo da balança comercial catarinense apresentou melhora ao fechar o mês de abril com déficit de US\$ 301,4 milhões. A redução do saldo negativo, no entanto, ocorreu por uma maior queda das importações, já que as exportações também recuaram. O valor das exportações foi de US\$ 786,6 milhões e as importações alcançaram o valor de US\$ 1.087,9 milhões. As variações com relação a abril de 2014 foram de -11,0% e -12,3%, respectivamente.



Fonte: IBGE; Fiesc; Secex/MDIC. (Elaboração: Dieese - Subseção Fetiesc)

Opinião¹ - "Quem planta vento, colhe tempestade"

A ausência de crescimento econômico em 2014; os déficits da conta corrente (-4,4% do PIB ou -US\$ 104,0 bi) e das finanças públicas (superávit primário de -0,6% do PIB ou -R\$ 32,5 bi); sustentaram pressões por mudanças de orientação na política econômica. Esta nova orientação combina medidas i) de austeridade/ajuste fiscal (corte de gastos e investimentos e elevação de impostos), que pretende alcançar uma meta de superávit primário nas contas públicas de 1,2% do PIB (R\$ 66 bi) neste ano e ii) restritivas do ponto de vista monetário (elevação da taxa de juros de referência, a Selic), com o propósito de fazer a inflação convergir para o centro da meta e segurar a desvalorização do real.

Estas medidas voltadas para a estabilização monetária (seja pelo descongelamento de preços administrados, seja pela elevação dos juros) têm caráter recessivo, pois impactam diretamente a demanda, ao elevar custos das famílias e empresas. As restrições orçamentárias das famílias e o menor consumo, por sua vez, faz com que as empresas revisem suas projeções de expansão e segurem investimentos no país. A expectativa mediana do mercado para 2015 é de recessão econômica e retração na produção industrial. "Quem planta vento, colhe tempestade."

A inflação pressionada, neste sentido, funciona como um mecanismo de transferência de valor do setor produtivo para o financeiro, mediante elevação das taxas de juros. No primeiro trimestre de 2015 o valor gasto

com juros nominais foi de R\$ 143,8 bi (10,4% do PIB), quando no mesmo período em 2014 foi de R\$ 58,6 bi (4,4% do PIB). O contraste entre os resultados das companhias e dos bancos no primeiro trimestre deste ano evidenciam esta dinâmica. O pacote de ajuste fiscal impacta à todos, em maior ou menor grau: trabalhadores, empresários, rentistas. A intensidade do impacto econômico nas classes reflete, em grande medida, a influência que estas forças sociais possuem nas tomadas de decisão do executivo e nas negociações do legislativo.

Para os trabalhadores, o pacote de ajustes apresentou inicialmente medidas provisórias (MPs 664 e 665), através das quais o governo pretendia economizar R\$ 20 bi, restringindo acesso e limitando valor de direitos como o seguro-desemprego e o abono salarial. Na tramitação na Câmara, além de pequenas alterações no texto que diminuíram as projeções sobre a economia esperada pelo governo, foi incorporada ao texto (MP 664) uma antiga pauta dos trabalhadores, o fim do fator previdenciário, apontando como alternativa a fórmula 85/95 para aposentadorias. O governo propôs a criação de um Fórum para discutir este e outros instrumentos de política previdenciária, portanto, as negociações desta pauta devem estender-se, com a MP 664 sendo aprovada em separado, mais celeremente.

Além destas medidas, tramitou na Câmara o PL 4330, cujo texto aprovado, ainda que tenha

sofrido importantes alterações, seguiu para o Senado prevendo a possibilidade de terceirizar as atividades-fim da empresa. Esta foi uma ação da classe empresarial, que estrategicamente incluiu este projeto para aprovação, prevendo o "liberou geral" para a terceirização, como forma de manter lucro neste ambiente recessivo, mediante exploração do trabalhador. O texto seguiu para o Senado onde recebe tratamento diferente, com maior resistência sobre a proposta de liberar a terceirização de atividades-fim e pode ser vetado pela presidência.

Assim, além do ano passado ter sido de estagnação, para este ano projeta-se uma combinação de fatores ruins para os trabalhadores nas indústrias: i) recessão econômica e retração da indústria, segundo expectativas do mercado; ii) inflação pressionada (casa dos 8% durante todo o ano); iii) distensão do mercado de trabalho, vista como positiva pelo Conselho de Política Monetária (Copom) e seu olhar sobre a inflação (ver 26º parágrafo da 190ª Ata do Copom). Estes elementos combinados provocam os sindicatos a testar sua força, tanto nas negociações salariais, quanto em outros espaços onde o conflito com interesses de outras classes se apresentam. Mais do que reajustes salariais, os cenários abrem-se para a luta pela cidadania.

(¹) Mairon E. Brandes, economista.



Economia para Trabalhadores - Ano III, edição XXVI, maio de 2015. Periodicidade mensal. Subseção do Dieese na Fetiesc.

EXPEDIENTE DA FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE SANTA CATARINA - Presidente: Idemar Antonio Martini; **Vice-Presidente:** Rosane Sasse; **Secretário Geral:** Landivo Fischer.

EXPEDIENTE DO DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS - DIEESE - Direção Técnico: Clemente Ganz Lúcio; **Coordenação Executiva:** Patrícia Pelatieri; **Coordenação Administrativa e Financeira:** Rosana de Freitas; **Coordenação de Educação:** Nelson de Chueri Karan; **Coordenação de Relações Sindicais:** José Silvestre Prado de Oliveira; **Coordenação de Atendimento Técnico Sindical:** Airton Santos; **Coordenação de Estudos e Desenvolvimento:** Angela Schwengber; **Supervisor Regional do Dieese/SC:** José Álvaro Cardoso; **Técnico Responsável pelo Boletim:** Mairon Edegar Brandes.

Subseção do Dieese na
Fetiesc
Rua 321, n 79 – B. Meia
Praia
Itapema – SC
CEP: 88.220-000

Tel: (47) 3268-5600
Email:
dieese@fetiesc.org.br